

Associação Nacional de História – ANPUH XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

A dimensão do trabalho na vida e obra de Manuel Querino – Bahia: 1851-1923

Maria das Graças de Andrade Leal*

RESUMO

A militância política e intelectual de Manuel Querino em defesa da causa do trabalho e do trabalhador é analisada a partir da obra que produziu entre 1903 e 1922. Nela refletiu sobre o Brasil e a Bahia do ponto de vista do negro oprimido e discriminado, destacando a temática do trabalho, fazendo ecoar críticas, proposições e valores do povo trabalhador e revelar a história dos anônimos ao testemunhar e experimentar os processos de institucionalização do trabalho livre e consolidação do regime republicano. Inaugurou uma forma de contar a história, abordando a questão do trabalho como eixo de explicações para a valorização incondicional do africano e seus descendentes, enquanto força propulsora da constituição da riqueza do Brasil. O trabalho e o povo foram focos da sua preocupação ao redimensionar a ação popular na implantação do novo regime.

PALAVRAS-CHAVE: Trabalho; República; Africano

ABSTRACT

The politic and intellectual militancy of Manuel Querino in defense of the work and the worker cause is analyzed from his literary produced between 1903 and 1922. In it, he reflected about Brazil and the Bahia state from the point of view of the black people oppressed and discriminated, detaching the thematic of the work, making his criticizes, proposals and values about the diligent people and to disclose the anonymous ones' history when he testifies and he tries the processes of institutionalization of the free work and consolidation of the republican regimen. He creates a new way to teaches history, approaching the question of the work as the axle of explanations for the unconditional valuation of the african people and its descendants, while they are the propeller force of the brasilian's wealth constitution. The people and work had been the focus of its concern when he gives a new meaning to the public action in the implantation of the new regimen.

KEYWORDS: Work; Republic; African

Manuel Querino nasceu no recôncavo baiano em 1851. Testemunhou e experimentou os processos de institucionalização do trabalho livre e consolidação do regime republicano. Até o ano da sua morte, em 1923, o negro, órfão e pobre moveu-se social e politicamente buscando caminhos que garantissem justiça, liberdade e igualdade para todos. Foi uma luta que travou com a sociedade imperial e depois republicana. Conquistou a escolarização básica, o diploma superior de desenhista, habilitou-se arquiteto, inseriu-se na imprensa engajada. Cultivou as letras, as artes e a política. Escreveu, polemizou, expôs idéias, posicionou-se.

* Doutora em História Social; Professora da Universidade do Estado da Bahia.

Enquanto estudava, aprendia sobre a situação da classe trabalhadora no contexto de debates sobre a questão do trabalho, cujo tema mobilizou diversos segmentos sociais durante os movimentos abolicionista e republicano. Até o advento da República, integrou-se aos movimentos sociais relacionados às causas do trabalhador. Foi considerado “uma das primeiras lideranças classistas do movimento operário baiano (HARDMAN, 1988:75-76) ou ainda “pioneiro do Trabalhismo no país (LEITE, 1988:91). Envolveu-se na criação da Liga Operária Bahiana (1876), no movimento republicano e, na República, integrou o grupo fundador do Partido Operário e tornou-se Conselheiro Municipal por duas legislaturas – 1891-1893 e 1897-1899.

Marcou presença nas associações beneficentes e irmandades religiosas que também lhe garantiram certo prestígio. Esses espaços, além de proporcionar acesso aos auxílios, se constituíram em oportunidade de reunir aliados políticos.² Manuel Querino foi uma liderança que se destacou no cenário político da Bahia Republicana, na condição de representante das classes artística e operária.

Emergiu da base operária com o sonho de conquistar direitos sociais e políticos negados aos trabalhadores e negros. Foi pintor-decorador e aperfeiçoou-se nos cursos superiores de desenho e arquitetura. Dedicou-se ao magistério como professor de desenho para as classes populares e ao funcionalismo público na antiga Repartição de Obras Públicas. Tornou-se jornalista, escrevendo sobre a questão abolicionista e operária na *Gazeta da Tarde* e em outros jornais. Fundou dois periódicos – *A Província* (1887-1888) e *O Trabalho* (1892). Participou ativamente de eventos coletivos de operários e de pleitos eleitorais que o levaram a ocupar o Conselho Municipal.

Os jornais foram veículos de expressão da sua indignação sobre os encaminhamentos políticos adotados na República. Em editorial de *O Trabalho*, analisou a situação dos trabalhadores no contexto do novo regime, denunciando a oligarquia governamental, de “espírito sanguinário e bárbaro”, que se ostentava sobre os destroços que fazia.

² No Império, esteve na Liga Operária Bahiana (1876), Sociedade Protetora dos Desvalidos (1877 e readmitido em 1894), Irmandade de Nossa Senhora da Conceição do Tororó (1884), Irmandade do Rosário dos Pretos e, na República, na Sociedade Monte Pio dos Artistas (1894), no Liceu de Artes e Ofícios (provavelmente anterior a 1893), na Sociedade Beneficente Auxílio Fraternal (Presidente da Assembléia Geral – 1898). Foi sócio-fundador e honorário do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia (1894) e correspondente do Instituto do Ceará; Sócio da Sociedade Bahiana dos Patriotas; benfeitor da Filantrópica dos Artistas; remido distinto da Sociedade Bahiana de Caridade; Sócio efetivo do Centro Operário, da Beneficente do Professorado Bahiano, da dos Funcionários Públicos do Estado, do Grêmio Literário; Capitão da Guarda Nacional, sócio-fundador da Associação de Oficiais da dita milícia. Foi condecorado com a medalha da Campanha Abolicionista da Bahia e sócio correspondente da Exposição de Arte Religiosa de Petrópolis.

A fé e o crédito cederam lugar à desconfiança. O patriotismo evaporou-se e o país tornou-se a presa dos mais espertos ou do que parece mais forte.

(...)

O pobre já não sabe o que fazer, nem para onde se deve dirigir. O trabalho cada vez mais escasseia, o pouco que existe é mal pago, os gêneros principais sobem de preço, a colisão neste meio é horrível.

(...)

No fim de tudo isto, os menos abastados, as classes ativas e trabalhadoras não suportam mais as desgraças, porque estão passando, devido a circunstâncias de que não tomou parte.

São réus de crimes alheios.

As provações mais difíceis, as necessidades de toda ordem, a fome com todo seu cortejo de misérias, parecem querer nos absorver em seu temeroso abismo. (O Trabalho, 06/03/1892)

Acreditou na República e na democracia. As barreiras foram solidificadas e as dificuldades transformadas em decepções. Enveredou pela militância intelectual fazendo descortinar a outra face da história social, política e cultural ainda encoberta. Através da sua escritura, expressou a indignação que o afligiu ao longo da vida, a exemplo da situação do povo trabalhador constituído por africanos, descendentes e mestiços, por muito tempo desconsiderados pela historiografia oficial. Pela persistência com que tratou o seu principal tema, registrou e interpretou momentos de intenso debate que envolveu o processo de instalação da República prometida e as contradições baseadas nos preconceitos de classe e de raça.

Manuel Querino produziu a sua literatura contando-se a si, articulando e analisando criticamente, a partir dos saberes popular e erudito, as contradições existentes na sociedade brasileira e baiana no interior da nova ordem republicana. A sua experiência de negro e trabalhador manual garantiu-lhe requisitos importantes para tratar sobre a situação das artes, da educação e dos artistas e operários no novo regime que pretendia civilização e progresso. Abriu quatro frentes de combate e de debate ao articular os temas do trabalho e da educação, a ação político-partidária e a produção intelectual.

Como “apóstolo” do povo, divulgou idéias e crenças, disseminando o “evangelho” do trabalho, o que lhe causou prejuízos profissionais e políticos e, simultaneamente, prestígio e reconhecimento nos espaços intelectuais e associativos. No Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, por exemplo, local escolhido “para seu posto de irradiação”³, Querino desenvolveu teses, elaborou e veiculou seu discurso.

³ “Manoel Raymundo Querino. Discurso proferido em a noite de 14 de março de 1923, no salão nobre do Centro Operário por Antonio Vianna (provetto jornalista e ilustrado poeta) e mandado publicar pela comissão promotora das homenagens cívicas à memória do grande artista bahiano”. Bahia, 1923, p.11.

Entre 1903 e 1922, produziu a sua escritura na perspectiva da história-testemunho enquanto participante, observador, pesquisador crítico que viveu em um período de muitas transformações no interior de tantas outras permanências. A sua obra tornou-se referência para a compreensão dos processos de organização e desorganização dos trabalhadores, ao apontar mecanismos de defesa e confrontos na Bahia do século XIX e primeiros anos do XX, em seus avanços e retrocessos em direção à autonomia da classe operária e da inclusão cidadã dos negros. Utilizou-se da memória como ferramenta de resistência ao persistir na afirmação da história do povo e do negro, social e politicamente excluídos das instituições republicanas, demonstrando terem sido essenciais à formação da identidade nacional. Rememorou e afirmou ter sido o “colono” africano o principal alicerce que sustentou e garantiu a construção do país. Manuel Querino requisitou insistentemente posicionamentos políticos das bases trabalhadoras no âmbito da construção do novo regime.

A República foi o alvo dos seus ataques, especialmente em se tratando da política civilizadora que reunia o saneamento social e cultural, caracterizada pela negação do passado de atraso e afirmação de um presente “artificial”, segundo Querino. No jogo de negação e afirmação, os pobres, o povo trabalhador, o africano e o brasileiro afro-descendente foram trazidos à luz da história através da sua escrita. Trabalho, política, arte e educação traduziram a sua esperança e a sua frustração. Dedicou-se à análise da formação da civilização brasileira a partir da efetiva participação do escravo, africano ou nacional, na construção dos caminhos direcionados à liberdade, assim como na produção de riquezas a partir de seu trabalho.

Como trabalhista “à moda tropical”, empunhou a bandeira do trabalho como um direito e via preferencial para a conquista da cidadania. O trabalho deveria ser elevado ao status do mais rico e merecedor patrimônio social, político e econômico. Somente através dele o povo poderia legitimar-se em seus talentos, direitos, e construir a verdadeira riqueza das nações. Enquanto princípio universal, defendeu o direito ao trabalho e o estímulo à produção, por compreender serem os meios garantidores da emancipação social e política do povo e econômica do país.

Após dez anos da proclamação da República, recuperou um sentimento que o incomodava desde a juventude. Os processos de organização do novo regime comprovaram que as suas dúvidas tinham fundamento, pois o destino da classe operária não se alterou. Ao contrário. A situação de penúria já sentida no Império agravou-se. Outras circunstâncias apontaram para a sua derrota diante de uma ilusão criada no jogo da acomodação política que se instalou. Nele, a classe operária foi usada como justificativa democrática, cujos princípios ideológicos afirmavam a manutenção do *status quo* através da incorporação de operários ao conteúdo social da República, tal qual existia na Europa. Assim, buscava-se apagar os vestígios das antigas relações escravistas, enquanto se

implementava medidas saneadoras de expulsão de pobres e negros do cenário urbano vinculadas à lógica da civilização. Querino analisou os desdobramentos seguintes, a partir das promessas que criaram novas ilusões aos artistas e operários que

esperavam, do desdobrar dos fatos, a difusão do ensino profissional, a melhoria do salário e tudo mais que lhe fosse proveitoso.

(...)

... à proporção que o atordoamento ia sendo dissipado, e que as ambições tomavam corpo, a fidalguia preguiçosa que tem por divisa – o apego do ouro sem amor ao trabalho, em constante desacordo com São Jerônimo quando diz: ‘trabalhai sempre em alguma coisa, para que o diabo vos encontre ocupado,’ começou por impedir-lhe os passos, embaraçando-lhe a realização, em parte, de suas mais legítimas aspirações. (QUERINO, 1913:163)

Estudando a história social e as manifestações culturais do africano e seus descendentes, contextualizou-as criticamente aos destinos políticos e sociais prescritos pelas elites “brancas” no pós-abolição e na República. As realizações do povo trabalhador nas artes e ofícios foram recorrentes em sua obra. Ao tratar da cultura africana buscou legitimar uma genética que era rejeitada no projeto civilizador, em que a questão racial foi tratada pela lógica da negação. Traduziu, assim, a condição social do negro e do pobre no contexto da ideologia do branqueamento e saneamento social.

Reafirmou a importância inquestionável do africano para a formação da civilização brasileira, ao qualificá-lo trabalhador talentoso.

Trabalhador, econômico e previdente, como era, o africano escravo, qualidade que o descendente nem sempre conservou, não admitia a prole sem ocupação lícita e, sempre que lhe foi permitido, não deixou jamais de dar a filhos e netos uma profissão qualquer. Foi o trabalho do negro que aqui sustentou por séculos e sem desfalecimento, a nobreza e a prosperidade do Brasil; foi com o produto do seu trabalho que tivemos as instituições científicas, letras, artes, comércio, indústria, etc, competindo-lhe, portanto, um lugar de destaque, como fator da civilização brasileira. (QUERINO, 1988: 122)

Querino relatou experiências praticadas por africanos e seus descendentes nos processos de luta pela liberdade, demonstrando a sua humanidade expressada na afetividade, “resignação estóica, coragem, laboriosidade” (QUERINO, 1988:32). Nas diversas fases de luta pela liberdade, os escravos alcançaram o estágio caracterizado, por Querino, pela “confiança no trabalho próprio”, como estratégia de conservação da vida e da própria preservação de uma cultura também colonizadora. Recorreu à força da tradição para explicar que apesar de

extenuado por uma série de lutas constantes, cerceado por todos os meios, em suas aspirações, mas, firme, resoluto, confiante em seu ideal, o africano escravo não se desiludiu, não se desesperou: tentou outro recurso, na verdade, mais conforme com o espírito de conservação...(QUERINO, 1988:119)

O trabalho como estratégia de conquista da liberdade “com conservação”, do ponto de vista da integridade física e moral, utilizada pelo africano, e do talento intelectual, político e artístico desenvolvido pelo mestiço brasileiro, formaram os dois elementos norteadores da vida de Manuel Querino. Ele sintetizou em si o talento e o trabalho como armas que empunhou ao longo da vida. E justificou a sua identidade de negro, nascido no ambiente da escravidão, reforçando, afirmativamente, a qualidade do negro nos diversos espaços sociais em que atuou.

Uma tradição oriunda da lenda do Chico-Rei, na qual estavam guardados a inspiração e o apelo moral para uma nova estratégia de resistência à escravidão e luta pela liberdade, sustentou, segundo Querino, a busca pelo ideal de libertação dos cativos.

Forro, reservou o fruto do seu trabalho para comprar a liberdade de um dos da tribo; os dois trabalharam juntos para o terceiro; outros para o quarto, e assim, sucessivamente, libertou-se a tribo inteira. (QUERINO, 1988:120)

A partir desta lenda, Querino se referiu ao processo de organização de formas de auxílio mútuo estabelecidas entre os africanos, as quais deram origem às “caixas de empréstimo”, então denominadas “juntas”. Assim registrou a importância de tal tipo de organização entre os africanos, antes mesmo das das caixas econômicas, caixas de emancipação e sociedades abolicionistas. Era um modo de os africanos se resgatarem mutuamente, o que, para Querino, significava um grande avanço conquistado, enquanto verdadeiros “heróis do trabalho”.

Na condição de “herói do trabalho”, a importância do africano na construção da riqueza dos senhores e da nação brasileira foi resgatada. Considerou-o “um grande elemento ou o maior fator de prosperidade econômica do país.” (QUERINO, 1988:32) Nesta perspectiva, o trabalho foi eixo de suas explicações direcionadas à valorização incondicional do africano, enquanto força propulsora da riqueza do Brasil.

O africano desempenhou, entre nós, o papel de burro de carga, de mau tratamento. Era pau para toda a obra; no serviço doméstico, na lavoura, nas artes mecânicas, principalmente nas de construções; nas artes liberais, como auxiliar, sem brilho, é verdade, mas, com esforço profícuo.

Aplicava sanguessugas, sangrava, tirava ventosas, cortava cabelo, fazia barba, remava saveiro, acendia o lampião, era magarefe e açougueiro, tirava dentes, carregava cadeirinha de arruar, tudo em proveito do senhor, enquanto não adquiria liberdade.

Não tinha tempo a perder; nas horas vagas, estudava música de oitava, constituindo os chamados Terno de Barbeiros. Apesar disso, sobrava tempo para os LEVANTES, que tanto deram que fazer às autoridades da época. (QUERINO, 1916:132-133)

...era o braço ativo e nada se perdia do que ele pudesse produzir. O seu trabalho incessante, não raro, sobre o rigor dos açoites, tornou-se a fonte da fortuna pública e particular. (QUERINO, 1988:32)

Como estratégia de sobrevivência e de luta, o trabalho significou a ética do africano e descendente, tendo em vista a possibilidade de conquistar a sua emancipação pela compra da alforria. Além do que, o trabalho, para Querino, passou a representar um elo que consolidou as relações entre aqueles que “verdadeiramente” produziam riqueza e o conjunto da sociedade. Assim, o trabalho se constituiu em eixo de solidariedade, que culminou nas organizações de conteúdo pecuniário ao garantirem a liberdade, inicialmente, e, mais tarde, outras necessidades que cercavam a vida do liberto, tais como o acesso a um mercado de trabalho. Esta era a estratégia que garantia dignidade de vida pela conseqüente apropriação do seu produto, associada à proteção dos velhos, incapacitados, filhos, viúvas, através de pensões e acesso à educação, por exemplo. Eram as sociedades mutuárias que brotavam entre os trabalhadores, mais tarde reelaboradas na forma de cooperativas, associações, partidos políticos e sindicatos.

Demonstrando as imensas capacidades do povo baiano no desenvolvimento de talentos, Querino aplicou, através da biografia de José Lauro de Azevedo, pintor, poeta satírico, químico prático e perfumista, a sua interpretação sobre os descompassos entre o propagado e o realizado na sociedade republicana. Como colaborador de “quase todos os jornais satíricos de seu tempo”, o artista produziu a oitava citada por Querino:

*Mundo de infâmia e torpeza.
É este mundo que habito;
Só vale nele a riqueza,
Chore embora o pobre aflito,
O trabalho sempre é mal pago,
O vício vence o pudor,
A honra não tem valor,
Ter talento é ser maldito. (QUERINO, 1911:95)*

O reconhecimento intelectual de Manuel Querino estava consolidado. Pelo talento, esforço e vontade de garantir o lugar de honra dos anônimos da história, politizou a sua obra ao aplicar a capacidade crítica e interpretativa sobre os rumos da sociedade republicana. Traído, decepcionado e rejeitado pelo novo regime, não sucumbiu. Escreveu contando-se a si, contando sobre o outro, sobre um grupo social que experimentou diversas formas de preconceito e discriminação; contou sobre a sociedade, a cultura, a política articuladas aos elementos eruditos e populares. Expressou a sua decepção com a República.

A sua obra foi um canal de denúncias, por traduzir uma experiência individual no âmbito das experiências coletivas que refletiam a angústia do povo trabalhador, a decadência das artes e dos artistas, os preconceitos de raça e de classe, a pressão exercida pelas elites para empurrar os negros e os pobres para os subterrâneos da sociedade republicana. Enquanto homem que viveu intensamente o seu tempo nos diversos lugares sociais por onde circulou,

apresentou-se na dianteira da historiografia, do trabalho etnológico e antropológico, ao focalizar os africanos, artistas, operários, o povo, como sujeitos construtores de um país, de uma identidade genuína que compunha a nação brasileira.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HARDMAN, Francisco Foot. *Cidades Errantes: representações do trabalho urbano-industrial nordestino do século XIX*. In **Ciências Sociais Hoje**, 1988.

LEITE, José Roberto Teixeira. **Pintores Negros do Oitocentos**. São Paulo: Edições K; Motores MWM, 1988.

QUERINO, Manuel. **Artistas Baianos – indicações biográficas**. 2. ed. Bahia: Oficina da Empresa “A Bahia”, 1911.

QUERINO, Manuel. **As artes na Bahia (Escorço de uma contribuição histórica)**. Bahia: Typ. E Encadernação do Lyceu de Artes e Offícios, 1909.

QUERINO, Manuel. **As Artes na Bahia (Escorço de uma Contribuição Histórica)** 2. ed. Melhorada. Salvador-Ba, Oficinas do Diário da Bahia, 1913.

QUERINO, Manuel. **A Bahia de Outrora – Vultos e Fatos Populares**. Bahia: Econômica, 1916.

QUERINO, Manuel. **Costumes Africanos no Brasil**. 2. ed. Recife: Fundação Joaquim Nabuco – Editora Massangana, 1988.